

AS MULHERES E JESUS: MARGINALIZADAS PELA LEI, DIGNIFICADAS PELO MESTRE¹

Solange Andrade dos Santos Dias²

Resumo

Esse artigo tem por finalidade propor uma análise sobre Jesus e as mulheres nos tempos do Novo Testamento, que no seu tempo eram marginalizadas pela lei, mas que tiveram a oportunidade de ter suas vidas tocadas em algum momento por ele. Com base em narrativas selecionadas dos Evangelhos pretende-se averiguar se, nestes, Jesus, embora sendo um homem nascido em uma cultura moralmente legalista, era diferente ou tinha um tratamento equivalente aos homens de sua época. Analisaremos três momentos: as mulheres que seguiam a Jesus (Mc 15,40-41), a mulher do fluxo de sangue (Mc 5,21-41) e a mulher encurvada (Lc 13,10-17). Tentaremos identificar os motivos por que elas eram marginalizadas e inferiorizadas. Para observar e analisar a postura de Jesus em cada caso citado, as mencionadas passagens dos Evangelhos serão lidas por meio do aporte teórico-metodológico da Teologia Feminista. Analisaremos também se após o contato com Jesus houve algum benefício que possa ser relevante à condição social da mulher hoje frente à comunidade.

Palavras-chave: Mulheres. Evangelhos. Gênero. Novo Testamento. Teologia Feminista.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu do desejo de compreender o envolvimento de Jesus com mulheres de seu tempo que eram marginalizadas pela lei, mas teriam sido dignificadas com o encontro pessoal que cada uma delas teve com ele. Não se trata de investigar o Jesus Histórico, mas de acessar o Jesus dos Evangelhos. A primeira questão a ser respondida desse encontro era se o tratamento que Jesus, nos Evangelhos, dispensa às mulheres equivale ao tratamento geral que as mulheres recebiam em sua época ou, Jesus às tratava de modo positivamente diferenciado? Para obtermos o conhecimento necessário, usaremos a chave da hermenêutica feminista que tem seu enfoque crítico e libertador no que concerne em como essas mulheres são apresentados pelos textos nos Evangelhos e, o como o encontro com Jesus foi relevante para essa compreensão.

Houve mulheres que seguiram a Jesus desde a Galiléia até Jerusalém (Lc 8,13), foram marcadas por atos de bondade e misericórdia. Seria possível nessa cultura alguém reagir além das perspectivas de seu tempo, algo sem precedentes na história? A mulher do fluxo de sangue (Mc 5,25-34), considerada impura que contaminava todos que a

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de Artigo como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória no de 2020, sob orientação do professor Osvaldo Luiz Ribeiro.

² Graduanda do Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade de Vitória, Espírito Santo. E-mail: artessol27@gmail.com.

tocassem. Sua vida se esvai a cada dia, mas ainda lhe restava perseverança. Somente um toque, era sua esperança. E a mulher encurvada (Lc 13,10-17), que não podia olhar para o sol, as montanhas ou o rosto de alguém querido. Além do peso de sua dor física, também tinha a dor da exclusão social.

A mulher na cultura do Oriente Médio, era mais um patrimônio do marido³, e na religião judaica, suas leis a excluía desde seu nascimento⁴. É neste contexto, e olhando para essas questões sociais, que buscaremos base para a pesquisa. E, também, olhando para um novo horizonte, como se expressa Elisabeth Fiorenza, sobre um de seus objetivos que é buscar reconstruir a história cristã primitiva como histórias de mulheres e varões, e não somente de homens para que não continuem sendo opressivos para as mulheres. Também, que as histórias das mulheres são parte integrante da proclamação do Evangelho, mesmo sendo tradições escritas e codificadas por varões. Pois ainda assim, ela continua inspirando, pois são Escrituras Sagradas para o cristão de hoje.⁵

Com isso, o objetivo desse estudo foi apreciar a posição de Jesus frente a situação da mulher enquanto ser humano. Ele permitiu que algumas mulheres o seguissem (Lc 8,1-3), as ensinou (Lc 10,41), e permitiu ser tocado (Mc 5,21-43). Foi ungido por uma mulher (Mc 14,3-9), e muitos outros relatos em que ele além de elevar a mulher, também, teria colocado em igualdade com os homens (Mt 21,31-32). Conhecer essas histórias hoje traz espanto para uns e esperança para todos.

1 AS MULHERES QUE SEGUIAM A JESUS

Começando na Galiléia, o movimento de Jesus crescia e atraía a muitos, tanto homens como mulheres. E de acordo com Françoise Gange “eram numerosas as mulheres que seguiam a Jesus, atraídas por seu ensinamento”⁶. Mas, por que elas eram atraídas por ele ao ponto de deixar o conforto de suas casas e famílias? Quem seriam essas mulheres anônimas? E, por que Jesus um homem judeu acostumado em uma cultura patriarcal e legalista, permitia que o acompanhasse? De acordo com Françoise Gange, “o caráter revolucionário da mensagem de Jesus depende em grande parte da atitude em relação ao

³ SOUSA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista de. *O papel da mulher no cristianismo primitivo: uma leitura do quarto evangelho*. São Leopoldo: EST/PPG, 2012, p. 29. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/364>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

⁴ SOUSA, 2012, p. 36.

⁵ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 11.

⁶ GANGE, Françoise. *Jesus e as Mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 24.

feminino, do qual ele se mostra o defensor e até, como veremos, o salvador”⁷. Há pouca participação feminina nas histórias contidas nos textos dos Evangelhos, e as poucas que há, segundo Jo Exum, essas histórias das mulheres na Bíblia são construção de homens e refletem construções androcêntricas.⁸ No entanto, os relatos apresentados (Mc 15, 40-41), mostram que as mulheres que estavam com Jesus, o serviam, e tinham o seguido desde a Galiléia. De acordo com Ivoni Reimer, “resgatar essas memórias é tomar posse da herança que nos foi legada também pelos textos bíblicos”⁹. Trazer essas memórias, ainda hoje, parece desafiador, como no tempo em que o movimento de Jesus começou. De acordo com a historiografia de Joachim Jeremias, “as mulheres, em público, deviam (*sic*) passar despercebidas”¹⁰. Portanto, quando suas histórias são narradas, elas estavam quebrando as regras sociais daquele tempo e lugar.

1.1 Marginalizadas, mas presentes

Jaci Candiottto, cita o nome dessas mulheres como no texto bíblico.

Eis os nomes de algumas delas: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago Menor e de José, Marta e Maria. Diz o texto bíblico que elas o seguiam e o serviam. Além dessas acima citadas, vemos outras anônimas que Marcos 15,41b faz questão de citar. Ele diz: “estavam ali também outras que tinham subido com ele para Jerusalém”¹¹

Embora tenhamos relatos bíblicos da presença feminina no movimento de Jesus, essa participação pública não era comum, nem aceita pela legislação religiosa da época. Assim, afirma Joachim Jeremias, “a mulher não participa da vida pública”¹², isto com respeito à mulher no tempo de Jesus no Oriente. E que, o dever da mulher era com sua família e os cuidados com a casa.¹³ Além do mais, o dever da mulher se restringia ao âmbito familiar. Ela também era “submissa ao poder do pai ou do marido, e onde, do ponto de vista religioso, não é igual ao homem”¹⁴.

⁷ GANGE, 2007, p. 28.

⁸ EXUM, Jo Cherye. Outras considerações sobre personagens secundárias: mulheres em Êxodo 1,8-2,10. p. 82-95. In: BRENNER, Athalya (Org.). *De Êxodo a Deuteronômio: a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 86.

⁹ REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 12.

¹⁰ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômica-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 474.

¹¹ Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1080. Usaremos somente essa versão em todo o trabalho.

¹² JEREMIAS, 1983, p. 473.

¹³ JEREMIAS, 1983, p. 485.

¹⁴ JEREMIAS, 1983, p. 493.

As mulheres não tinham o direito de aprender sobre a lei e “as escolas lá estavam unicamente para os meninos e vedadas às meninas”¹⁵. No Evangelho (Lc 10,39), relata a história de Maria que aproveita a oportunidade para aprender com ele, “o que na época era considerado proibido às mulheres”¹⁶. Então, como deveria ser a atitude de Jesus frente à situação dessas mulheres que o seguiam? De acordo com as prescrições da religião ele deveria cumprir às regras sociais, como no caso da mulher siro-fenícia (Mt 15,23), onde “Jesus não responde ao apelo da mulher, os discípulos sem dúvidas entenderam que ele estava agindo de maneira inteiramente adequada”¹⁷. Um homem não devia falar com uma mulher em público, essas situações faziam parte das “regras do decoro”¹⁸. No entanto, afirma Jaci CandiOTTO que:

Diante desses detalhes relativos à situação concreta da mulher na época de Jesus é possível identificar a sua Boa-nova. Esta possibilita destravar as potencialidades abafadas nas mulheres pela milenar opressão no aspecto religioso. Tal novidade pode ser constatada em três momentos distintos de Jesus: nascimento, missão e ressurreição.¹⁹

Esses motivos apresentados no presente trabalho trazem a noção da possibilidade percebida por algumas mulheres de que agora poderiam ser ouvidas e participar de algo maior que a separação trazida pelas leis religiosas. De acordo com Jaci CandiOTTO, “no aspecto religioso, as palavras e atitudes de Jesus denotam a superação do culto androcêntrico exclusivistas”²⁰. E, segundo escreveu Joachim Jeremias:

Somente a partir desta perspectiva da época é que podemos apreciar devidamente a posição de Jesus em face da mulher (Lc 8,1-3); Mc 15,41 e par. (cf. Mt 20,20) falam das mulheres que acompanhavam Jesus; trata-se de um fato sem precedente na história da época.²¹

De acordo com os autores acima citados o que nos parece é que agora, além dos motivos individuais que cada uma tinha, elas estavam participando de algo muito maior do que elas mesmas. Por muito tempo marginalizadas, neste momento, incluídas.

1.2 Fazendo parte de algo maior

¹⁵ JEREMIAS, 1983, p. 490.

¹⁶ CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. *Teologia na perspectiva das relações de gênero: a contribuição da hermenêutica bíblica*. Rio de Janeiro: PUC, 2008, p. 68. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12136/12136_1.PDF>. Acesso em: 09 abri. 2020.

¹⁷ BAILEY, Kenneth E. *Jesus pela ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 224.

¹⁸ JEREMIAS, 1983, p. 474.

¹⁹ CANDIOTTO, 2008, p. 68.

²⁰ CANDIOTTO, 2008, p. 68.

²¹ JEREMIAS, 1983, p. 494.

Todos nascemos inseridos em uma família. E, é em casa que os sentimentos são gerados. Nela, nós reconhecemos como parte de um todo. E na cultura de Israel, a família, era a base vital da sociedade e, também, uma comunidade religiosa.²² No entanto, o sistema patriarcal dominava e limitava às ações de uma mulher, isso em relação à situação social, pois, o “*status* legal da mulher era de *dependência* em relação ao pai e depois ao marido. Era o pai ou o marido quem decidia sobre todos os assuntos de ordem familiar”²³. E, como antes citado, a incumbência da mulher era com os deveres da casa. A mulher já nascia condenada a uma categoria de serva e coadjuvante na história. História esta escrita por mãos dos homens.

No entanto, a teologia de Marcos abre espaço para que as mulheres sejam mais que meras serviçais. A casa passa a ser o símbolo de um novo centro de relações de convivência oposta à sinagoga, onde, há uma oposição entre o impuro e o puro. A casa é lugar de intimidade, onde as relações pessoais são livres e imediatas. Para Marcos a casa é o lugar da *comunidade dos discípulos* e é a partir das casas do povo que Jesus quer restaurar a casa de Deus. E, é nessa perspectiva que, na casa é onde às mulheres podem *servir* a Jesus. Sendo que, no judaísmo, as mulheres não podiam servir aos rabinos, nem mesmo às mesas para não se misturarem com os homens. Mas, para o Evangelho de Marcos, todas as pessoas são levantadas para integrar-se à comunidade de servidores.²⁴ Aqui, a referência é o texto (Mc1,29-31), onde a sogra de Pedro é curada por Jesus. Ela, antes paralisada pela febre, agora se levanta e passa a servi-lo, não mais como uma serviçal, mas, como uma discípula e fazendo parte da *casa* de Jesus.

Também, de acordo com Maria Ladislao “Jesus coloca como chave para o Reino a tarefa das mulheres e dos serventes, ou seja, daqueles que tinham menos valor na sociedade da época”²⁵. Aqui a autora faz menção ao texto: “aquele que quiser ser grande entre vós seja aquele que serve” (Mt 20,25-28). Jesus, inaugura um novo tempo dando oportunidade na religião para aquelas que querem ser suas discípulas, independente de privilégios, sexo ou cargos. A melhor parte não lhes será tirada, a de seguir o Mestre.²⁶ Seguir e servir a Jesus, agora, era um privilégio para aquelas que pareciam quebrar as regras sociais de sua época, regras que limitavam as ações das mulheres somente ao âmbito familiar

²² ROPS, Henri Daniel. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 81.

²³ REIMER, 2005, p. 45-46.

²⁴ SOARES, Armando G.; CORREIA JUNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. *Comentário do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 80-84.

²⁵ LADISLAO, Maria Glória. *As mulheres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 29.

²⁶ LADISLAO, 1995, p. 28.

1.3 Desprezadas, agora discípulas

É importante ressaltarmos neste trabalho que as narrativas biográficas de Jesus, as curas, os ensinamentos e os milagres, foram escritas e organizadas por pessoas que pertenciam às comunidades cristãs.²⁷ A teologia proposta em cada Evangelho, reflete como essas comunidades entendiam e interpretavam as tradições de Jesus. Embora, os textos dos Evangelhos tenham uma proposta teológica, mesmo assim, percebe-se que a centralidade dos textos está na práxis da vida de Jesus. O movimento de Jesus traz a *boa nova* ao seu povo e aos marginalizados e empobrecidos, anunciando assim, a irrupção da *Basiléia* de Deus e, proporcionando o discipulado de iguais²⁸. Elisabeth Fiorenza, fala que o movimento de Jesus é mais um grupo que existia na Palestina greco-romana, entre outros. Era um movimento intrajudaico de renovação, portanto um grupo que não desprezava a visão de Israel como *povo e nação eleita de Yahwe*. Também, não rejeitavam o templo nem a Torah, não como símbolo da eleição de Israel, mas, como ela apresenta “o próprio povo como o lugar do poder e da presença de Deus”²⁹.

Tanto homens como mulheres são chamados a participar do Reino de Deus, não mais por méritos de pureza, mas simplesmente como pessoas livres que agora podem fazer parte de um discipulado de iguais. De acordo com Elisabeth Fiorenza, “a teologia cristã feminista e a interpretação bíblica estão no processo de redescobrimto de que o evangelho cristão não pode ser proclamado se não se recordarem as discípulas mulheres e o que elas fizeram”³⁰. Elas, estavam presente na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. Os quatro Evangelhos fazem menção delas. E enquanto muitos o abandonaram, elas estavam presentes no momento mais doloroso de Jesus.³¹ E foi a elas que foi dado a missão de proclamar a Boa-Nova de alegria³², mesmo que o testemunho delas em muitos casos não fosse aceito.³³ Também, é de grande relevância a afirmação feita por Elisabeth Fiorenza, “que o movimento cristão primitivo era inclusivo de liderança de mulheres e pode por isso ser chamado de “igualitário”³⁴. Assim, os textos ganharam novos contornos, um olhar a partir da vida, experiências e participação de muitas mulheres que abriram o

²⁷ REIMER, Ivoni Richter. *Milagres das mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008, p. 44.

²⁸ FIORENZA, 1992, p. 133-136.

²⁹ FIORENZA, 1992, p. 152.

³⁰ FIORENZA, 1992, p. 10.

³¹ LADISLAO, 1995, p. 74.

³² REIMER, 2005, p. 68- 69.

³³ JEREMIAS, 1983, p. 492.

³⁴ FIORENZA, 1992, p. 175.

caminho para que outras pudessem ter o mesmo privilégio que elas tiveram, o de seguir o mestre e fazer parte de algo maior.

2 A MULHER DO FLUXO DE SANGUE: UMA ANÁLISE DOS TEXTOS BÍBLICOS

Segundo Elsa Tamez histórias que envolvem mulheres, muitas vezes, não são planejadas.³⁵ No texto (Mc 5,21-42), contém duas histórias que se entrelaçam. Um pai suplica por sua filha dizendo: “minha filhinha está morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva” (Mc 5,23). Já, nos versos 25-34, conta-nos à história de uma mulher doente, sem recursos e sem família. De acordo com R. de Vaux, “o impuro e o sagrado são noções conexas. Ambos contêm uma força misteriosa e assustadora, que age por contato e que põe objetos e pessoas em estado de interdição. O impuro e o sagrado são igualmente ‘intocáveis’ e o que eles atingem torna-se ‘intocável’”³⁶. Sendo assim, o medo de contaminação fazia com que a família se afastasse. A religião de Israel conservou costumes arcaicos, nos ritos de purificação e de desconsagração, como essa definição de interdição.³⁷ Elsa Tamez diz que “ela não ousou pedir-lhe diretamente, como Jairo. Talvez achasse que não tinha esse direito por ser mulher”³⁸. Por certo, por medo de ser reprovada por um homem judeu, que pertencia a uma cultura patriarcal e legalista acostumado às leis e prescrições que o proibiam de tocar e ser tocado por uma mulher condenada ao afastamento por sua constante situação. Jesus ao tocar em algo impuro, também ficaria impuro (Lv 15,7). Qualquer homem que acidentalmente tocasse uma mulher menstruada, sua cama ou seu assento, ficaria impuro por um dia e deveria tomar banho de purificação ao final daquele dia.³⁹

2.1 Impureza feminina na lei sacerdotal

De acordo com Elsa Tamez, a mulher é considerada impura porque o seu corpo menstrua cada mês⁴⁰. O ciclo menstrual de uma mulher não era compreendido com normalidade. “Nas civilizações antigas havia um certo tabu com respeito ao sangue. Nos relatos bíblicos (Gn 9,4-5), o sangue está relacionado com a vida. Enquanto o sangue

³⁵ TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 56.

³⁶ VAUX R. de. *Instituições de Israel: no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 498.

³⁷ VAUX R. de, 2003, p. 498.

³⁸ TAMEZ, 2004, p. 58.

³⁹ BE'ER, Ilana. Fluxo de sangue: a respeito da im/pureza feminina na lei sacerdotal e na literatura. p. 166-181, In: BRENNER, 2000, p. 174.

⁴⁰ TAMEZ, 2004, p. 56.

circular dentro da pessoa - ou do animal - a vida está presente, mas se ele escoar, é porque a morte realizou sua obra”⁴¹. Embora nas civilizações antigas eles tinham um certo tabu com relação ao sangue, os primeiros relatos bíblicos sobre o tema da *menstruação das mulheres*, são descritos com muita normalidade. Uma conversa entre Abraão e Yahweh, onde Sara escutava escondida, diz que: “Sara deixara de ter o que têm as mulheres” (Gn 18,11). Também em outra passagem em que Labão alcança a comitiva de Jacó, Raquel dá a desculpa a seu pai: “que o senhor não veja com cólera que eu não me levante na sua presença, pois tenho o que é costumeiro às mulheres” (Gn 31,35). Em ambos os casos, a menstruação dessas mulheres não parece ter trazido nenhum tipo de estranheza ou sentimento de impureza no diálogo em questão. Ao contrário, a menstruação é ligada à fertilidade e à alegria de gerar filhos, e é considerada o auge da realização feminina.⁴² Assim diz a autora Ilana Be’Er que a menstruação das mulheres tem um valor positivo e não neutro ou pejorativo.⁴³ De acordo com a autora Josy Eisenberg, o derramamento do sangue menstrual também é sinal de infertilidade e, portanto, de morte.⁴⁴ Percebe-se que a infertilidade feminina ao longo da história e das narrativas bíblicas foram tratadas com o mesmo sentimento de perda e de morte, dando mais importância e significado a falta de filhos do que à vida e sentimentos de uma mulher e suas emoções. Joachim Jeremias fala que era “comum no Oriente, onde ela é valorizada antes de tudo pela sua fecundidade”⁴⁵.

Com respeito à menstruação, a crença no perigo e na contaminação do fluxo feminino, aos poucos foi ganhando força e “aceitas no judaísmo pós-bíblico antigo e no judaísmo tardio”⁴⁶. Mesmo que as primeiras narrativas sobre o tema não tenham nenhuma conotação negativa, aos poucos e principalmente com referência às leis de pureza e impureza em Levíticos nos capítulos 11-15, a condição social das mulheres foi sendo estabelecida e, portanto, marginalizada. De acordo com a interpretação que os sacerdotes tinham sobre a vontade de Deus como ele governa o mundo e a relação que tinha com o povo, “são os princípios que formam essas leis e as fundamentam”⁴⁷. Leis que deveriam servir para proteção e defesa da dignidade das mulheres foram aos poucos ganhando contornos de separação e segregação no seio familiar. Onde antes havia amor e unidade e sentimento de pertença agora uma lacuna se instaura levando algumas

⁴¹ EISENBERG, Josy. *A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico- sociológico*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 155.

⁴² BE’ER, 2000, p. 178.

⁴³ BE’ER, 2000, p. 178.

⁴⁴ EISENBERG, 1997, p. 155.

⁴⁵ JEREMIAS, 1983, p. 493.

⁴⁶ BE’ER, 2000, p. 181.

⁴⁷ BE’ER, 2000, p. 167.

mulheres por terem um fluxo desordenado ou uma hemorragia constante, a serem rejeitadas e afastadas do seio familiar. Os sacerdotes consideravam a relação com uma mulher menstruada ao mesmo nível de um incesto ou relação com uma cunhada (Lev 18,18-19). Portanto, uma fonte de contaminação.⁴⁸

Os sacerdotes investiam-se de autoridade para examinar e decidir se uma pessoa ou um objeto era impuro, e prescrever o meio pelo qual a pureza pessoal e cultural poderia ser alcançada ou restaurada. Além disso, eles desempenhavam um importante papel ao officiar as cerimônias de purificação que eram celebradas no(s) templo(s). Eles adquiriram um controle social reivindicando e implementando o poder de decidir se a pessoa podia participar nas cerimônias religiosas ou ser banida de tais cerimônias.⁴⁹

De acordo com o texto (Lv 15,28-30), após o período menstrual da mulher, no oitavo dia, ela tinha que se apresentar ao sacerdote com dois pombinhos, um deles pela oferta pelo pecado e o outro como holocausto. Então o sacerdote faria a expiação por ela diante do Senhor. Essa era a situação de exclusão que uma mulher era submetida. Em todo o período de sangramento ela não podia fazer parte da vida religiosa e familiar. Tudo o que ela tocava, quer seja um objeto ou pessoa, ficaria impuro e teria que passar por um ritual de purificação. Homens, também eram submetidos a rituais de purificação quando tinham algum tipo de fluxo no seu corpo. Passavam por rituais de purificação que faziam parte das *impurezas curáveis* (Lv 15,1-18).⁵⁰ Mas, no caso das mulheres tudo era acentuado por ser mulher e passar todo mês por essa situação. Também, faziam distinção entre dar à luz a menina e um menino.⁵¹ Quando nascia uma menina o tempo de separação e impureza era maior do que de um menino (Lv 12,1-8). De acordo com os textos faziam distinção entre impurezas curáveis e incuráveis,

as leis referentes às mulheres menstruadas pertencem a ambas as categorias – impurezas curáveis e impurezas incuráveis. Uma contaminação não intencional de menstruação é uma impureza curável. Seu efeito e sua cura são descritos em Lv 15,19-31. Contudo, a relação sexual intencional com uma mulher menstruada é uma contaminação incurável e, semelhante a outras práticas sexuais ilícitas, está sujeita à pena de morte para ambos, o homem e a mulher envolvidos (Lv 18,20).⁵²

Os sacerdotes tinham o poder de banir do lar e da religião qualquer pessoa que fosse fonte de contaminação. Os termos *niddâ* e *dāwâ*, são usados para descrever a posição social da mulher com sangramento em relação a sua família e à sociedade.⁵³ Esses

⁴⁸ BE'ER, 2000, p. 168.

⁴⁹ BE'ER, 2000, p. 167.

⁵⁰ BE'ER, 2000, p. 170.

⁵¹ BE'ER, 2000, p. 176.

⁵² BE'ER, 2000, p. 174.

⁵³ BE'ER, 2000, p. 177.

termos sugerem afastamento e mácula. Esta era a situação que a mulher do fluxo de sangue suportava e era vista pela comunidade.

2.2 Sofrimento e vergonha

Doze anos, foi o tempo que sofreu com esse mal (Mc 5,25). Segundo Elsa Tamez, grande esforço havia feito para curar-se e sair daquela situação. Visitou todos os médicos possíveis, mas nenhum conseguiu curar seu mal.⁵⁴ Elsa Tamez, descreve que além do que a doença produzia em seu corpo, também era marginalizada pela sociedade devido ao sistema cultural em que vivia. Pois, “doença e pecado andavam juntos”⁵⁵. A discriminação da mulher era potencializada devido as prescrições das leis religiosas que ao invés de proteger uma mulher doente, a excluía e a deixava à margem da sociedade. Embora não se possa provar, “a impressão é que o judaísmo no tempo de Jesus também alimentava pouco consideração para com a mulher”⁵⁶. Então, poderia essa mulher ter sido repudiada por sua situação constante que causou-lhe esterilidade? A esterilidade era considerada uma provação (Gn 16,2; 30,2; I Sm 1,5), ou um castigo de Deus.⁵⁷

Sob a ótica social e, segundo Henri Daniel-Rops, “a esposa era uma possessão excessivamente valiosa e ninguém mais tinha o direito de tocá-la”⁵⁸. E de acordo com os textos (Êx 20,17; Dt 5,21), uma mulher era contada e fazia parte das posses do marido entre outras coisas. Uma mulher não teria recursos financeiros para dispor com médicos a não ser que tivesse sido repudiada pelo marido, e uma casada, somente se o marido ou pai autorizasse o uso de recursos. Nota-se que em alguns casos o repúdio era comum, desde que o marido pudesse pagar a reparação. Como a mulher não dispunha de recursos próprios a não ser o *mohar*, que segundo os contratos matrimoniais de Elefantina, o marido que repudiasse sua mulher não podia reclamar o *mohar*, pagava o “preço do divórcio” e a mulher conservava tudo o que havia levado ao casamento.⁵⁹ A mulher não herda de seu marido, nem as filhas de seu pai, exceto na ausência de um herdeiro masculino (Nm 27,8).⁶⁰

Pelo lado da religião as mulheres não tinham muitas obrigações no judaísmo, todavia também não tinham muitos direitos. Joachim Jeremias, descreve que: “os direitos

⁵⁴ TAMEZ, 2004, p. 58.

⁵⁵ TAMEZ, 2004, p. 58.

⁵⁶ JEREMIAS, 1983, p. 493.

⁵⁷ VAUX, 2003, p. 64.

⁵⁸ ROPS, 1983, p. 88.

⁵⁹ VAUX, 2003, p. 59.

⁶⁰ VAUX, 2003, p. 62.

religiosos da mulher eram tão limitados quanto seus deveres religiosos”⁶¹. Não era permitido que as mulheres fizesse parte do culto no mesmo local que os homens. Elas deveriam ficar num lugar separado e escondido. Sendo que não poderia frequentar o lugar sagrado durante o período menstrual e imediatamente depois do nascimento de um filho.⁶² A situação das mulheres era de desigualdade em relação ao homem. Elas estavam submetidas às proibições da *Torah* e ao rigor da legislação civil e penal, incluindo a pena de morte.⁶³ E, por serem mulheres a lei as obrigava a passar por regras de purificação todo o mês.

Na questão familiar, à mulher cabia as funções do lar.⁶⁴ O não poder tocar ou fazer algo costumeiro, naturalmente, lhe trazia grande aflição. De acordo com Ilana Be’Er, as impurezas curáveis “são transferíveis de várias maneiras, principalmente por contiguidade –tocando, carregando, e ações semelhantes”⁶⁵. Não é comum para uma mulher ficar com suas tarefas interdidas e conformar-se. “Para o israelita, era tão importante não manipular o sangue que todo aquele que entrasse em contato com ele era considerado impuro”⁶⁶. Sendo assim, as proibições da *Torah*, levavam as mulheres ao afastamento familiar e social.

2.3 Cura e restauração da dignidade

A caminho da casa de Jairo, foi ele atrasado por uma mulher que clandestinamente tocou seu manto e logo sentiu que estava curada.⁶⁷ Jesus, fez questão de expor sua situação tirando-a do anonimato. Jesus insistiu: “quem tocou minhas roupas?” (Mc 5,30). Para a cultura judaica, especialmente que era imposta pelos líderes religiosos, sua ação foi um grande atrevimento.⁶⁸ De acordo com o texto (Mc 5,33), a mulher estava trêmula, certamente com medo de ser tratada com rigor e desprezo, sendo Jesus um homem educado em uma sociedade judaica onde o comportamento é orientado por aquilo que se considera puro ou impuro.⁶⁹ Mas a reação de Jesus foi de compaixão, chamando-a de

⁶¹ JEREMIAS, 1983, p. 491.

⁶² CANDIOTTO, 2008, p. 66.

⁶³ CANDIOTTO, 2008, p. 66.

⁶⁴ JEREMIAS, 1983, p. 485.

⁶⁵ BE’ER, 2000, p. 171.

⁶⁶ VIEIRA, Maria das Graças. *Mulheres na Bíblia e na vida de Jesus: o caso de Marta e Maria*. São Leopoldo: EST, 2010, p. 26. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/2460678-Escola-superior-de-teologia-programa-de-pos-graduacao-em-teologia-maria-das-gracas-vieira.html> >. Acesso em: 17 mar. 2020.

⁶⁷ TAMEZ, 2004, p. 58.

⁶⁸ TAMEZ, 2004, p. 59.

⁶⁹ TAMEZ, 2004, p. 55.

filha, proporcionando-a um sentimento de pertença familiar. “Integro-a à sociedade, mas não dentro dos limites pureza-impureza, mas de uma outra forma, como membro de uma comunidade que não a desprezaria por seu corpo”⁷⁰. Jesus com “esta ação faria com que outras mulheres tivessem coragem para mudar os padrões que as marginalizavam”⁷¹. Mostrou que uma mulher pode ir além de suas limitações e que é tão importante quanto um pedido de um homem que suplicava uma cura para sua filha. Antes temerosa e aflita agora essa mulher anônima e sofrida, caminha para uma nova vida, novas possibilidades. E ele disse: “minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz e fique curada do seu mal” (Mc 5,34). “Salvou-a do mal social que a mantinha reclusa”⁷².

3 A MULHER ENCURVADA

Antes de falarmos das circunstâncias que envolviam a situação e cura da mulher encurvada, é importante ressaltarmos algumas questões. Primeiro que os textos dos evangelhos são reconstruções do testemunho de fé das comunidades. De acordo com Ivoni Reimer “esta reconstrução deve considerar as representações de mundo e de existência, as quais constituíam o imaginário permeado de valores e de expectativas destas comunidades, expressas através de suas convicções e aspirações religiosas”⁷³. Segundo, para compreendermos essas comunidades em que circulavam essas tradições, é preciso, também, compreender como as pessoas do mundo antigo, entendiam a *concepção de milagres*. Inclusive, o Novo Testamento deve ser compreendido à luz do pano de fundo do Velho Testamento. E, como o povo entendia essa *concepção de milagres*. De acordo com Alfons Weiser, no mundo antigo eles criam que os acontecimentos relacionados com as forças da natureza, muitas vezes, eram a intervenção da divindade. Tanto, espíritos bons, bem como, espíritos ruins, eles interviam nesses acontecimentos. O dom da vida e sua conservação era sempre atribuído à divindade. Porém, para o israelita, era Yahweh quem cuidava de cada um, e só dependiam da *providência divina de Yahweh*, e não em suas capacidades e desempenho. Todas as situações perigosas que tivessem livramento embora não tivessem a possibilidade de salvação por meio de forças humanas, eles

⁷⁰ TAMEZ, 2004, p. 60.

⁷¹ VIEIRA, 2010, p. 38.

⁷² TAMEZ, 2002, p. 60.

⁷³ REIMER, 2008, p. 45.

creditavam a Yahweh. Nas narrativas de milagres, a consciência do povo era que Deus os governava hoje e a salvação futura viria somente dele.⁷⁴

É neste contexto que estabeleceremos a narrativa (Lc 13,10-17), sobre a mulher encurvada, seus desafios, sua situação física e o seu milagre em um dia de sábado.

3.1 Sua condição física e o convite

O texto em análise traz algumas informações: “ora, ele estava ensinando numa das sinagogas aos sábados. E eis que se encontrava lá uma mulher, possuída havia dezoito por um espírito que a tornava enferma; estava inteiramente recurvada e não podia de modo algum endireitar-se” (Lc 13,10-11). Jesus estava ensinando numa sinagoga quando percebe a mulher que, provavelmente estava em um lugar à parte restrito às mulheres, uma vez que as mulheres não podiam se misturar com os homens. Temos a informação que:

A sinagoga era espaço público para vivência da espiritualidade judaica, que se expressava aos sábados por meio de celebração de culto, de ensino e aprendizagem da Torá, recitação de normas talmúdicas etc., e durante a semana era um lugar público que servia como escola e também como hospital e abrigo para pessoas peregrinas e necessitadas.⁷⁵

É no contexto da sinagoga que acontece o convite de cura para uma mulher marcada pela exclusão social e religiosa. De acordo com Adriano Filho, para a cultura judaica, além de sua enfermidade, possivelmente, também sofria humilhação e degradação pessoal. As pessoas tinham medo de doenças que não matavam, mas que as impediam de se manter na posição vertical. O fato de não poder *olhar para o alto*, indicaria que não teria contato com o divino, reduzindo-a a semelhança de um animal. Para aquela cultura, o que distinguia o ser humano de um animal e os aproximava aos anjos, era sua postura, palavra, visão e entendimento.⁷⁶ Além disso, sua enfermidade deveria ser muito dolorida, pois de acordo com A. Rendle Short, os ossos de sua coluna

⁷⁴ WEISER, Alfons. *O que é milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos Evangelhos*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 15-17.

⁷⁵ MACHADO, Erica Pereira; REIMER, Ivoni, Richter. Uma mulher marcada pela opressão e pela ternura de Deus: análise e interpretação de Lucas 13. 10-17. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v.51, n.1, p. 127-137, jan. jun. 2011, p. 135. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/182/0>. Acesso em: 16 mai. 2020.

⁷⁶ ADRIANO FILHO, José. A cura de uma mulher enferma: um estudo de Lucas 13.10-17. *Revista teológica e sociedade*. São Paulo, vol. 1, n. 4, p. 66-77, 2007, p. 76-68. Disponível em: <https://issuu.com/revistateologiaesociedade/docs/teologia4_web>. Acesso em: 16 mai. 2020.

vertebral, haviam se fundido em uma massa rígida (*spondilitis deformans*)⁷⁷ que a fazia encurvar e de modo algum endireitar-se.

Agora, vemos o convite de Jesus que interrompe o seu ensino e a chama para o meio (Lc 13,12-13). “Mulher, você está livre de sua enfermidade. Pondo simultaneamente suas mãos sobre ela”⁷⁸. O que nos parece, é que mais uma vez Jesus rompe com as regras e chama uma mulher deformada para o meio. Lugar de destaque, onde prenderia toda a atenção dos que estavam ali presentes. “Jesus não questiona, não julga, não interpreta mal, não condena; ele convida a olhar para o futuro, para a bondade de Deus que sabe tirar o bem do mal”⁷⁹. Aqui, percebe-se que essa cura e tantas outras descritas nos relatos dos Evangelhos Jesus valoriza o ser humano independentemente de sua condição física.

Ação da divindade que intervém e interfere nas relações sociais e simbólicas de corpos doentes e sofridos, reconstruindo, portanto, também identidades. Esses processos terapêuticos refletem não apenas relações de poder, mas também poder(es) em relação que possibilitam libertação ou superação do Mal.⁸⁰

As doenças eram ligadas ao pecado e, por sua vez, à impureza. Assim, as pessoas com doenças, ou com algum tipo de deformação que eles não conseguiam explicar, eram tidas por impuras, sendo consideradas afastadas da presença de Deus. Além da cura, ela também obteve dignidade.

3.2 Qual o grau de importância entre a mulher e um animal?

Jesus toma a iniciativa de trazer libertação para uma mulher que vivia aprisionada. No entanto, a cura parece ter irritado o chefe da sinagoga que não aceitava que Jesus operasse um milagre no dia santo, ou que não pediu sua opinião sobre a cura. Já que ele era “o oficial responsável pela ordem do culto na sinagoga”⁸¹. O fato é, que o dirigente não ousa reprimir a Jesus, mas usa desse episódio para doutrinar a congregação. Pois, de acordo com o quarto mandamento as pessoas doentes deveriam procurar os dias úteis para

⁷⁷ Esse diagnóstico foi declarado por SHORT, 1947 *apud* HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: exposição do Evangelho de Lucas* vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 229.

⁷⁸ HENDRIKSEN, 2003, p. 229-230.

⁷⁹ GICO JUNIOR, Rivadavio de Barros. *A cura da mulher encurvada em dia de sábado (Lc 13,10- 17)*. Recife: FCP, 2019, p. 30. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1215>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

⁸⁰ REIMER, 2008, p. 43.

⁸¹ MORRIS, Leons L. *O Evangelho de Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 149.

serem curadas, não em um dia santo. Entretanto, Jesus repreendeu sua hipocrisia e sua real intenção.⁸²

Jesus ao curar a mulher encurvada e fazer isto publicamente, estava denunciando não só a forma, mas, todas as maneiras pelas quais as mulheres eram diminuídas em seu valor de ser humano e lutando contra tudo o que elas eram proibidas de assumir em relação ao que Deus lhes havia outorgado desde a criação.⁸³

Jesus mostra a importância do ser humano e a real utilidade do dia santo. Ele fez uma denúncia em relação ao cuidado que eles tinham com os seus animais em dia de sábado. Então, por que não com um semelhante? Afinal de contas, eles podiam tirar o animal do estábulo e dá-lhes de beber. Se as necessidades de um animal podem ser supridas ainda mais de uma filha de Abraão, pois um boi tem menor importância.⁸⁴ Então, percebemos que Jesus deixa claro que:

Estava dizendo que Seus oponentes deixaram de enxergar a própria razão de ser deste dia santo. Se o tivessem entendido, teriam percebido que atos de misericórdia como os dEle (sic) não eram meramente permitidos — eram obrigatórios (cf. Jo 7:23-24).⁸⁵

Segundo escreveu Adriano Filho, em sua exegese dessa passagem, Jesus responde aos seus opositores com autoridade, como senhor do sábado, reafirmando que o sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado. Se um animal não pode ficar um dia preso, privado de se alimentar, quanto mais uma mulher não pode ficar presa por dezoito anos. Isso faz parte da libertação dos cativos. Essa mulher fazia parte da mesma descendência eleita, mesmo que para eles ela tivesse um sinal de pecado particular. O certo era que ela fosse libertada, mesmo em um dia de sábado.⁸⁶ Também, de acordo com o mesmo autor, “as curas realizadas por Jesus antecipam o reino de Deus, porque supõem uma vitória sobre satanás e refletem o bem estar do mundo futuro”⁸⁷. Assim, ela é convidada para fazer parte desse Reino que traz igualdade também aos enfermos e desprezados.

3.3 Sábado e o louvor a Deus

⁸² MORRIS, 1983, p. 210.

⁸³ GICO JUNIOR, 2019, p. 47.

⁸⁴ HENDRIKSEN, 2003, p. 232.

⁸⁵ HENDRIKSEN, 2003, p. 230.

⁸⁶ ADRIANO FILHO, 2007, p. 71.

⁸⁷ ADRIANO FILHO, 2007, p. 75.

Elisabeth Fiorenza fala que essa passagem representa a tradição mais antiga das narrativas de curas no sábado. Embora a observância do sábado fosse um símbolo da eleição de Israel, a sua real intenção era o louvor a Deus; Jesus, ao salvar vidas, não está transgredindo a Torah; o ponto mais importante dessa passagem não era se podia ou não salvar um animal, por isso alguns judeus já faziam; o que Jesus fez foi feito para fazê-la plena.⁸⁸

É importante ressaltarmos a conclusão que Paulo Garcia chega sobre o Evangelho de Mateus, concernente ao sábado:

O sábado para Mateus se insere dentro da prática cotidianas onde se deve imitar a Deus na prática da Misericórdia. Até aqui, Mateus segue a tradição rabínica. Porém ele inverte esta situação quando a prática da misericórdia é associada à defesa dos pequeninos. O sábado existe para fazer o bem, de modo especial àqueles que estão à margem da vida - os pequeninos.⁸⁹

Com esta afirmação podemos avaliar a prática dos atos de misericórdia de Jesus em favor dos pequeninos. O convite e a alegria desta mulher e o seu *louvor a Deus*, uma vez que “às mulheres não era permitido permanecer eretas diante dos homens e da sociedade. Essa mulher representa simbolicamente a situação de todas as mulheres da época de Jesus que eram consideradas inferiores aos homens”⁹⁰.

De acordo com Linda Pestana, quando Jesus afirma a genealogia da mulher como filha de Abraão ele o faz na presença de todos ali. Publicamente, ele valoriza e restitui sua pertença como filha do pai da nação de Israel. Agora:

Viu livre dos excessos de pesos das suas relações humanas, e com sua identidade e o senso de pertença reforçados o suficiente para reerguer-se e seguir adiante sem os medos primais de morte, rejeição, deslealdade, abandono, desconhecido ou sobrevivência, somatizados naquela coluna vertebral encurvada.⁹¹

Linda Pestana faz sua afirmação a partir de um estudo produzido por um médico psiquiatra em que ele afirma que:

A coluna vertebral é o “ pilar da estrutura óssea e muscular” que possibilita os movimentos dos membros do corpo, e também (sic), é a sede dos psicossintomas relacionados a desafios e responsabilidades que se manifestam

⁸⁸ FIORENZA, 1992, p. 157-158.

⁸⁹ GARCIA, Paulo Roberto. *Sábado: a mensagem de Mateus e a contribuição judaica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 178-179.

⁹⁰ GICO JUNIOR, 2019, p. 47

⁹¹ PESTANA, Linda Siokmey Tjhio Cesar. A terapêutica integral de Jesus: análise exegética, hermenêutica, fenomenológica e antropológica dos milagres de Jesus nos textos neotestamentário e interfaces com a terapia comunitária integrativa. João Pessoa: UFPB/BC, 2017, p. 38. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14760/1/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2020.

em dores, patologias e até imobilização localizadas nas vértebras, conforme o medo primal em questão.⁹²

Adriano Filho afirma que “a má saúde tem muitas raízes”⁹³. De acordo com essas afirmações podemos perceber o peso que essa mulher carregava, que era não apenas pela sua enfermidade, mas por todo o peso que socialmente era atribuído aos costumes de sua época. Medo e solidão talvez fizessem parte de sua rotina, mas agora ela glorificava a Deus na presença de todos. Ivoni Reimer diz que Jesus chama a mulher para junto de si mostrando a possibilidade da participação da mulher na sinagoga. Lá era o espaço de experiência da libertação, de anúncio das boas novas e de inclusão. Então, ela se levanta de sua encurvatura e rende glória a Deus.⁹⁴

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisar alguns textos sobre Jesus nos Evangelhos, à luz de uma abordagem da hermenêutica feminista. O artigo procurou tirar das sombras algumas situações de mulheres e o tratamento que elas tinham de seus familiares e sociedade que eram normatizados pelas interpretações que a elite da religião tinha, e ditava como regras de convivência.

Além disso, forneceu uma compreensão do estado de marginalização e indiferença com que algumas pessoas, principalmente as mulheres, eram submetidas. Seja em relação à condição de impureza e o afastamento social que era imposto, seja em relação à noção de divindade.

O objetivo da pesquisa era compreender se o tratamento que Jesus nos Evangelhos tinha com as mulheres, que conviveram com ele, era diferenciado ou semelhante aos seus contemporâneos, ainda que esse padrão cultural fosse ensinado desde a infância, sob a ótica da Torah. Podemos perceber que a práxis da vida de Jesus era baseada na valorização do ser humano, independentemente de sua posição ou gênero.

A partir de uma leitura de gênero buscamos trazer a importância de um tratamento igualitário, sem a intervenção de leis que possam corromper ou diminuir o valor de cada pessoa. Embora tendo poucos textos com a presença feminina diretamente, os que temos são de singular importância e riqueza. Os textos envolvendo mulheres nos Evangelhos abrem espaço para futuras pesquisas como, o que esses encontros com Jesus teriam

⁹² Esse estudo foi realizado por, BARRETO, 2012 *apud* PESTANA, 2017, p. 37.

⁹³ ADRIANO FILHO, 2007, p. 75.

⁹⁴ REIMER, 2008, p. 104-105.

produzidos na vida das famílias. Houve alguma mudança no comportamento da comunidade que possa ter relevância para futuras gerações?

A liberdade que as mulheres alcançaram a oportunidade que elas tiveram, e como ele elevou o trato nos relacionamentos, continuam chamando a atenção de muitos ainda hoje. Jesus nos Evangelhos permitiu que elas aprendessem com ele e fossem chamadas de discípulas. Mostrou que lugar de mulher não é só em casa, mas também no movimento. Integrou a mulher à sociedade, não mais no padrão de santidade religiosa, mas como participante da vida ativa da comunidade.

REFERÊNCIAS

ADRIANO FILHO, José. A cura de uma mulher enferma: um estudo de Lucas 13.10-17. *Revista teológica e sociedade*. São Paulo, vol. 1, n. 4, p. 66-77, 2007. Disponível em: <https://issuu.com/revistateologiaesociedade/docs/teologia4_web>. Acesso em: 16 mai. 2020.

BAILEY, Kenneth E. *Jesus pela ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

Bíblia de Jerusalém, 2002.

BE'ER, Ilana. Fluxo de sangue: a respeito da im/pureza feminina na lei sacerdotal e na literatura. p. 166-181, In: BRENNER, Athalya (Org.). *De Êxodo a Deuteronômio: a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. *Teologia na perspectiva das relações de gênero: a contribuição da hermenêutica bíblica*. Rio de Janeiro: PUC, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12136/12136_1.PDF>. Acesso em: 09 abri. 2020.

EXUM, Jo Cherye. Outras considerações sobre personagens secundárias: mulheres em Êxodo 1,8-2,10. p. 82-95. In: BRENNER, Athalya (Org.). *De Êxodo a Deuteronômio: a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000.

EISENBERG, Josy. *A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico- sociológico*. São Paulo: Paulinas, 1997.

FIORINZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

GANGE, Françoise. *Jesus e as Mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GARCIA, Paulo Roberto. *Sábado: a mensagem de Mateus e a contribuição judaica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

GICO JUNIOR, Rivadavio de Barros. *A cura da mulher encurvada em dia de sábado (Lc 13,10-17)*. Recife: FCP, 2019. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1215>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: exposição do Evangelho de Lucas* vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômica-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983.

LADISLAO, Maria Glória. *As mulheres na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MACHADO, Erica Pereira; REIMER, Ivoni, Richter. Uma mulher marcada pela opressão e pela ternura de Deus: análise e interpretação de Lucas 13. 10-17. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v.51, n.1, p. 127-137, jan. jun. 2011. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/182/0>. Acesso em: 16 mai. 2020.

MORRIS, Leons L. *O Evangelho de Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

PESTANA, Linda Siokmey Tjhio Cesar. *A terapêutica integral de Jesus: análise exegetica, hermenêutica, fenomenológica e antropológica dos milagres de Jesus nos textos neotestamentário e interfaces com a terapia comunitária integrativa*. João Pessoa: UFPB/BC, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14760/1/Arquivototal.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2020.

REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.

REIMER, Ivoni Richter. *Milagres das mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008.

ROPS, Henri Daniel. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

SOARES, Armando G.; CORREIA, João Luiz Jr.; OLIVA, José Raimundo. *Comentário do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SOUSA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista de. *O papel da mulher no cristianismo primitivo: uma leitura do quarto evangelho*. São Leopoldo: EST/PPG, 2012. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/364>>. Acessado em: 21 mai. 2020.

TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

VAUX R. de. *Instituições de Israel: no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

VIEIRA, Maria das Graças. *Mulheres na Bíblia e na vida de Jesus: o caso de Marta e Maria*. São Leopoldo: EST/PPG, 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/2460678-Escola-superior-de-teologia-programa-de-pos-graduacao-em-teologia-maria-das-gracas-vieira.html>>. Acesso em: 17 mar. 2020.

WEISER, Alfons. *O que é milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos Evangelhos*. 2 ed. São Paulo: Paulinas.